

# editorial

## UM ANO DE "TARIFA AÇORES"

Seja qual o ângulo político por que se pegue, a "Tarifa Açores" transformou-se, antes de tudo, numa ferramenta de trabalho e também num forte incentivo ao mercado interno. Hoje, quem tem de se deslocar pelas ilhas em trabalho, já não olha ao preço do transporte, o mesmo acontecendo com uma família em férias. Não esqueçamos que, ontem, viajar entre as ilhas era ao mesmo preço de uma viagem para o continente, pelo que, quando chegava o momento de optar, lá iam de armas e bagagem dar uma volta pelo país, quando, não raras vezes, nem conheciam todas as ilhas. Agora que já lá vai um ano, chegou o momento de fazer as contas. Quanto custou ao erário público esta medida? Ontem, o Governo veio dizer que, à conta da "Tarifa Açores" injetou na SATA 5,7 milhões de Euros para compensar a transportadora regional da diferença entre a tarifa normal e a reduzida, quando foram emitidos 267 mil bilhetes. No mundo rodeado de milhões em que vivemos, cada vez que abrimos a boca, parecemos que essa compensação à SATA não passa de uns "trocos". Ainda assim, permite-nos fazer umas contas de mercearia: Se aquele montante cobre a diferença entre a média de 60 Euros da "Tarifa Açores" e a tarifa normal, significa que cada passagem foi injetada em cerca de 20 Euros mais, o que, em contas redondas, significa que o preço real de cada passagem de ida e volta

rondaria os 80 Euros. Ora, se recuarmos, dois anos, daremos facilmente conta que ir da Terceira ao Pico andava à volta dos 125 Euros, longe bastante da soma entre a "Tarifa Açores" e a compensação agora recebida pela SATA da mão do Governo. Outra questão que se coloca ao sucesso daquela tarifa é a disponibilidade de lugares, sobretudo agora que estamos a entrar na época alta. O Governo responde a isso dizendo que "a dança será conforme a música", ou seja, conforme a procura, a SATA está preparada para aumentar a disponibilidade de lugares nos aviões, considerando também que a frota será reforçada com mais uma unidade. Oxalá assim aconteça porque, ao que tudo indica, o Verão vai ser movimentado, a julgar pelas notícias que nos chegam de Lisboa e que apontam para um ano de turismo a tocar 2019, ou seja, antes da pandemia. É por isso bem provável que, sobretudo os continentais, continuem a eleger os Açores como destino de preferência e é conveniente que estejamos preparados para os levar a visitar outras ilhas que não só S. Miguel, a Terceira ou o Faial, já não falando da nossa diáspora que este ano há de viajar mais descontrada e tirar a barriga da miséria. No final, será interessante ver tudo isso refletido nas contas da SATA. É expectável que a conta de exploração seja equilibrada, considerando que a faturação só pode estar a subir. É isso que queremos. ■

EDUARDO BORBA DA SILVA [10]

### Obrigado, Espírito Santo

"Como o mundo ainda está inteiro, talvez não fique mal agradecer ao Espírito Santo, nesta época de Pentecostes."

GRAZIELA VEIGA [10]

### Incongruências

"Se não tivermos nada de bem para dizer do outro, é melhor que nos mantenhemos calados."

MANUEL FARIA [11]

### O Povo junto pode tanto e mais que el-rei

"O POVO JUNTO PODE TANTO E MAIS QUE EL-REI foi gritado em Santa Maria, em... 1827!"

LUÍS HERBERTO, PINTOR

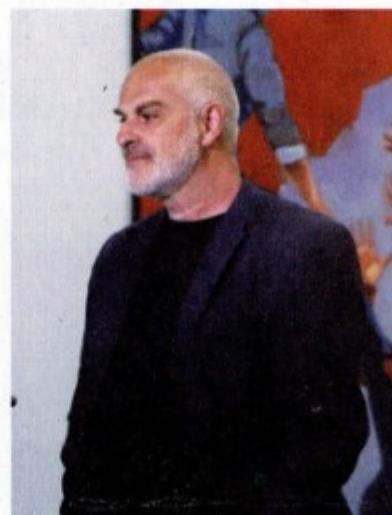
## A arte sem provocação é meramente objeto decorativo

Luís Herberto viu por várias vezes obras censuradas por serem consideradas demasiado provocatórias. O pintor, que expôs pela primeira vez na Terceira, explica a DI o que o leva a escolher estes temas.

NASCEU NA ILHA TERCEIRA, MAS HÁ 37 ANOS QUE NÃO VISITAVA A ILHA. AINDA ASSIM, A SUA ARTE TEM INFLUÊNCIAS DOS AÇORES?

Eu comecei a trabalhar em artes plásticas, de um modo mais profissional, por causa de um certo apoio do Emanuel Félix, que foi meu professor de restauro de pintura, num curso que eu fiz antes de Belas Artes. Foi o Emanuel Félix que me abriu um pouco o caminho para as artes plásticas, através de uma publicação, em 1991, na revista Atlântida. Ele publicou uns desenhos que eu fiz, na altura, com a influência do Júlio Pomar. De modo muito sub-reptício, levou os desenhos e apresentou-me a revista com publicação já feita, com texto e imagens. Isso fez toda a diferença no modo de pensar a hipótese de seguir esta área das artes plásticas. Há esta relação aqui à Terceira.

FOI ISSO QUE FEZ COM QUE DECIDISSE SEGUIR UMA CARREIRA NAS ARTES



LUÍS HERBERTO "Como ilhéu que sou, preciso de mar, visualmente"

PLÁSTICAS?

Eu já desenhava e já pintava há algum tempo e tinha esta vontade, mas é como aquele efeito borboleta da ficção científica, de repente faz sentido. As coisas acontecem quando têm de acontecer e aconteceram de um modo muito positivo. É claro que faz toda a diferença na receção ao meio, mas eu já estava a iniciar estudos nessa época na área, seria natural que seguisse também as artes plásticas. Foi um catalisador, na altura, e fez-me repensar várias coisas.

INAUGUROU RECENTEMENTE, NA CARMINA GALERIA, A SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NA ILHA TERCEIRA. COMO DESCREVE "O QUE FAZ FALTA... É MALHAR NA MALTA"?

Esta exposição não é inédita, porque foi apresentada no Teatro Municipal da Guarda, na Beira Interior, em 2018, e seguidamente foi para uma grande exposição na biblioteca FCT, que pertence à Universidade Nova. "O que faz falta... é malhar na malta" é uma chalaça que surge um bocado sobre aquela brincadeira com a música do Zeca Afonso, um pouco a brincar com as relações humanas e com o poder político. Tem a ver com representações de uma certa violência urbana que existe, sobretudo nas sociedades mais ocidentais, porque nós temos democracia e podemos manifestar-nos contra seja o que for. Há uma certa dualidade entre a repressão, mais ou menos intensa, dependendo dos governos, com a nossa maneira de estar em sociedade. Há pessoas que se dedicam mais à reação e outras não. São momentos de uma certa violência urbana, catalisados em vídeo, em filme, em fotojornalismo. Há uma referência de informação

mediática que eu recolhi para fazer a ligação das várias pinturas e tem uma construção que é ficcional o quanto baste, mas não demasiado. Há um processo de construção em ateliê sobre as composições, mas basicamente são momentos de ação-reação do tecido urbano e social. As imagens são aparentemente de uma certa violência, mas também são trabalhadas de um modo cromático, para levar para levar a um sentido mais puro do lazer, das relações amorosas, da bondade, ou seja, a antítese da violência, porque ninguém quer viver em violência. A exposição não está completa em relação à original, até porque o espaço é bastante mais pequeno. Falta-lhe a parte da felicidade.

**EXPÓS ESTES TRABALHOS PELA PRIMEIRA VEZ EM 2018, MAS JÁ OS TINHA IDEALIZADO HÁ MUITOS ANOS.**

Esta exposição é um projeto muito antigo. Já vem dos tempos de aluno de faculdade de Belas Arte. As manifestações de estudantes, as ligações com as polícias, tem a ver com isso. Voltando atrás na história e observando as relações sociais dos anos 60 e 70, faz todo o sentido apresentar, porque a existência de manifestações desta natureza revela alguma liberdade social. Ao mesmo tempo que revelam também a repressão sobre as mesmas. Há repressão, mas também há liberdade para se fazer a manifestação. Os primeiros desenhos são exercícios de 90/91, que ficaram na gaveta, porque depois nascem outros projetos. Fiz a minha primeira exposição sobre a velhice ainda era aluno nas Belas Artes. E foi um acaso. Foi aí que me apercebi que certos temas serão sempre tabu na nossa sociedade. Nesse caso, era a velhice, os corpos gastos, acabados. Curiosamente, há sempre uma ligação ao mar e às memórias insulares. Esse projeto da velhice nasce num local de memória visual sobre a Terceira. Como ilhéu que sou preciso de mar, visualmente. Vivi sempre em locais com muito mar.

**NA BIOGRAFIA QUE PODEMOS ENCONTRAR NA SUA PÁGINA NA INTERNET ESTÁ ESCRITO QUE "TRABALHA COM INCIDÊNCIA NA INTERAÇÃO ENTRE QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE, PROVOCAÇÃO E**



**O QUE FAZ FALTA... É MALHAR NA MALTA** Exposição inaugurada na sexta-feira está patente na Carmina Galeria até 10 de setembro

**ARTE". PORQUÊ ESTES TEMAS?**

A minha atividade enquanto pintor não está dissociada da atividade académica. Sou professor na Universidade da Beira Interior e investi nesta área. Comecei a fazer investigação nas questões de género, de censura e novas censuras por causa de uma exposição que fiz há muitos anos, em 2003, que foi objeto de uma violenta censura, que não é explicável em democracia. Os temas eram, de um modo académico, muito provocatórios, para criar uma reação do público. No início do século XXI, havia uma espécie de caldo cultural, em que não se podia dizer nada fora do circuito. Eram momentos muito difíceis, havia o escândalo enorme do processo Casa Pia. Não se falava de nada, não se fazia nada, não se respirava. Havia muito medo. Eu trabalhava numa galeria e estávamos à procura de uma temática que fosse muito provocante à sociedade em geral. Fiz uma exposição que não correu muito bem, porque houve muita

censura. Houve queixas da polícia, houve reações muito negativas do público em geral, mas não dos públicos artísticos e intelectuais. As pessoas que estão informadas, que conhecem história de arte e que conhecem essas relações políticas não viam nada de mais nesse processo. O público normal reage. Isso fez com que eu começasse a estudar esta questão das novas censuras, sobretudo na ligação ao nosso regime político. Tínhamos saído de uma ditadura em 75, havia uma nova Constituição, houve processos de censura anteriores e, supostamente, não poderia haver esse processo em democracia. Foi o mote para eu começar a investigar, de modo académico, esta área temática. Uns anos antes, ainda nas Belas Artes, já tinha feito uma exposição ligada ao tema da velhice, que também é um tema muito escondido. As pessoas não querem ver. A imagem mais provocatória é a que foge dos cânones apresentáveis. De um modo geral, com algumas exce-

ções, sempre trabalhei estes temas, porque me dá mais gozo verificar o que se faz, até porque a arte é muito política. Se não tiver o seu quê de provocação e reação, é meramente um objeto decorativo. Desenvolvi o meu trabalho académico todo à volta disso. A questão da sexualidade é mais forte, em todas as sociedades, é sempre um tabu e continua a ser.

**SENTE QUE A SOCIEDADE FOI EVOLUINDO? ESTÁ MAIS ABERTA A ESTE TIPO DE TEMAS?**

Só evoluiu perante os espetáculos televisivos, os reality shows, onde se podem encontrar imagens desse tipo. No cinema, sim, mas o cinema é classificado. Há uma imposição legal que limita a idade para certo tipo de imagens. Nas artes plásticas, isso não existe. E o paradoxo é que temos uma ligação muito forte à censura para as artes plásticas, que não existe na televisão, no cinema ou sequer em publicidade. Há uma evolução social, mas não são caminhos paralelos em todas as áreas. ■